Monsenhor Távora

FERNANDES TÁVORA

Filho de Antônio Fernandes da Silva Távora e Dona Idalina Alves de Lima Távora , nasceu o Mons. dr. Antônio Fernandes da Silva Távora a 17 de outubro de 1851, na fazenda Caranguejo, município de Jaguaribe, pertencente, então, eclesiasticamente, á freguesia do Riacho do Sangue (Frade).

Descendia, pelo lado paterno, de duas famílias portuguesas — Fernandes da Silva, do Pôrto, e Távora, de Lisboa.

Pelo lado materno, da família Vidal de Negreiros, um de cujos membros se estabeleceu no Ceará.

Fez seus estudos primários na casa paterna — fazenda "Bôa-Altura", na escola dirigida pelo provecto educador professor Vitorino, português de grande preparo e austeridade, que a tradição apontou como um religioso regular foragido da pátria.

Em 1869, contando 18 anos de idade, matriculou-se no Seminário Episcopal de Fortaleza. Recebeu a tonsura em 30 de novembro de 1876, em igual data do ano seguinte as ordens menores, a 24 de novembro de 1878, o sub-diaconato, a 30 do mesmo mês e ano o diaconato, e a 30 de novembro de 1879 o presbiterato.

Todas estas ordens lhe foram conferidas por D. Luís Antônio dos Santos, então bispo do Ceará. Cantou sua primeira missa a 20 de dezembro daquele ano, na Matriz de N. S. das Candeias, em Jaguaribe, em cuja freguesia foi provido como pároco encomendado, no ano seguinte, comissão que desempenhou até outubro de 1883, quando foi removido para a freguesia do Crato, que paroquiou até dezembro de 1891.

Em abril de 1892 foi nomeado vigário de Cachoeira de Itapemirim, no Espírito Santo. Em junho de 1893 foi transferido para a importante paróquia de Vassouras, no estado do Rio, pôsto que deixou, a pedido, seis meses depois, indo residir em Juiz de Fora, no estado de Minas.

Em 1894, convidado por D. José Lourenço da Costa Aguiar, 1.º Bispo do Amazonas, acompanhou-o na fundação da nova diocese, auxiliando-o grandemente, e sendo nomeado Cônego da Catedral de Manáus em 8 de dezembro daquele ano.

Acompanhou ainda o novo bispo, como secretário particular, em diversas visitas que fêz aos rios Solimões, Purus, Madeira e Negro, fazendo dessas viagens minuciosos relatórios, publicados sob a forma de correspondência nos jornais católicos — "A Verdade" (de Fortaleza) e o "Apóstolo" (do Rio).

Em 1896 seguiu com D. José Lourenço para Roma, fazendo a viagem *ad limina Apostolorum*, lá permanecendo por espaço de dois anos.

Na Universidade S. Apolinário, onde se matriculara, conquistou sucessi-

vamente nas matérias de direito civil e canônico gráus de *Licenciado, Bacharel e Doutor in utroque jure.*

Terminando êsse curso, mediante documentos autênticos de sua linhagem, matriculou-se na "Academia dos Nobres", á qual dificilmente são admitidos estrangeiros, nela estudando a ciência da Diplomacia e Tratados. Ao deixar essa Academia, em 1899, foi nomeado pelo Papa Leão XIII seu Camareiro secreto, com honras de Monsenhor.

Em Manáus, para onde voltou, habilitou-se perante o Tribunal da Relação para advocacia no estado, mas foi logo nomeado vigário do Juruá, onde permaneceu até 1908, sendo transferido para a freguesia do Purus, falecendo em Sena Madureira, a 13 de setembro de 1916, aos 65 anos incompletos.

Eis, em largos traços, a vida eclesiástica de Monsenhor Távora, como se encontra registada no "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense" do Barão de Studart.

Há, porém, na vida dêsse grande sacerdote e grande cidadão traços marcantes, facetas múltiplas que exigem melhor análise, mais paciente e minuciosa investigação dessa personalidade, positivamente invulgar.

Preliminarmente, confesso a insuficiência dos dados de que disponho, para o bom desempenho dessa tarefa.

Meu trabalho será, pois, lacunoso e repreesntará apenas um pequeno subsídio para a biografia dêsse homem, cuja memória o Ceará não deve permitir que se dilua no esquecimento.

O PATRIOTA

Dificilmente se encontrará um homem que amasse tão entranhadamente a sua terra como o Monsenhor Távora; e, somente os que, como eu, tiveram a ventura de sua convivência, podem avaliar quanto o preocupavam as vissicitudes e os erros que, não raro, entenebreciam os horizontes de nossa pátria.

No meio em que viveu, não havia incentivos aos surtos de patriotismo; mas o seu espírito esclarecido sempre encontrava meios de varar a grossa treva da ignorancia e do indiferentismo ambientes, abrindo claras avenidas na direção do futuro.

Um fato será bastante para evidenciar a sua visão patriótica.

Quando assumiu o paroquiato da freguesia do Crato, em 1884, o comércio dessa cidade, como o de todo o Cariri, era feito com a praça do Recife. Sem estradas de ferro e de rodagem, essa viagem era feita totalmente em costas de animais, através de dezenas de léguas, e as mercadorias tinham que percorrer os mesmos caminhos e da mesma forma.

Era um comércio positivamente mortificante; mas os comerciantes estavam convencidos de ser o que mais lhes convinha.

Monsenhor Távora insurgiu-se contra êsse modo de agir de seus paroquianos e iniciou uma forte e decidida campanha em favor do comércio com Fortaleza, dizendo não compreender a razão por que deixavam os comerciantes daquela região de fazer seus negócios com a capital do nosso estado, o que, além de encurtar as distancias, redundaria numa obra de patriotismo. Sua campanha não demorou em ser vitoriosa, porque êle, no afã de lograr o seu intento, não só apresentou como afiançou a mais de um comerciante de

Crato ás casas de Fortaleza. E a corrente dos negócios daquela rica zona mudou inteiramente o seu rumo.

Se hoje tende a retomar a antiga direção, a culpa cabe, certamente, aos comerciantes de Fortaleza, que abusaram da sua posição de fornecedores únicos, durante dezenas de anos, sem a menor atenção aos interêsses de seus fregueses.

Mas isso em nada diminui a ação patriótica de Monsenhor Távora em favor de seu estado.

O AMANTE DA INSTRUÇÃO

Uma das facetas mais características da personalidade de Monsenhor Távora era o seu entranhado amor á instrução, que nunca deixou de se manifestar em tôdas as fases da sua vida.

Terminado o seu curso, cuidou logo da educação de seus irmãos, apesar das dificuldades oriundas da terrível sêca de 77, que aniquilara os rebanhos legados á sua mãe e irmãos, pelo seu laborioso e honrado progenitor. Contraíu empréstimos com pesados juros, mas viu realizado o seu nobre intento, com a ordenação de Carloto em 1889 e a formação em direito de Belisário e Elisiário, em 1902, na Faculdade de Direito do Recife. Isso já seria muito, para quem, não dispondo de recursos, era obrigado a tais sacrifícios. Mas seu amor á instrução não tinha limites, e êle, após a fundação de um Colégio em Jaguaribe, promoveu a fundação de outro (o SÃO TOMÁZ DE AQUINO), sob a direção de Francisco Tomaz de Sousa Peixoto, no Crato, prestando grandes benefícios á mocidade daquelas duas cidades, onde exerceu o paroquiato e começou a educar os sobrinhos.

Seu afilhado e vivendo á sua sombra, fui o primeiro dos sobrinhos a receber o inestimável *munus* da instrução, que êle prodigalizou, depois a um grande número, não encarando despesas nem dificuldades.

Tinha sempre um crédito na "Casa Inglesa" e em bancos, destinado a êsses pagamentos.

De uma só vez vez, internou no Seminário e no Colégio da Imaculada Conceição nada menos de 20 sobrinhos!

Dos seminaristas, apenas um se ordenou; mas isso não o molestava, pois o que visava era a instrução de sua família. Quando fui aluno do Seminário do Crato, lembro-me que, uma noite, em conversa comigo, sondou-me a vocação, dizendo-me: "Quando você terminar o curso preparatório, eu o mandarei estudar no Colégio Pio-Americano, em Roma".

Como não notasse, em mim, nenhum entusiasmo pelo tal passeio a Roma, logo inferiu que eu não me inclinava ao sacerdócio, e nunca mais me falou nisso...

Mas não foram somente os membros da família que experimentaram a sua munificência, em matéria de instrução. Diversos outros rapazes se ordenaram ou formaram á sua custa, bastando para isso que os pais apelassem para sua generosidade. Não sei se entre eclesiásticos e profanos, alguém já houve mais amante da instrução!

O CARIDOSO

Por tôdas as paróquias em que exerceu o seu ministério, espalhou benefícios sem conta; porque nunca recolheu alguém, vazia, a mão que lhe es-

tendesse, á cata de uma esmola. Se não tinha dinheiro na ocasião, tomava emprestado, mas o necessitado recebia o seu óbulo. Muitas veses dava ordens para fornecimentos irrestritos, o que lhe acarretava não pequenos débitos, quando a consciência do fornecedor não punha entraves á ganancia do beneficiado.

No Crato, em Cachoeira do Itapemerim, em São Filipe, do Juruá, em Sena Madureira, sustentava grande número de famílias pobres, e muitas vezes o vi pagar contas avultadas de seringueiros atrasados e mandá-los para São Felipe ou para o Ceará, quando viajava pelos altos rios. Por isso, apesar de haver paroquiado sempre freguesias rendosas, e ter ganho centenas de contos nos rios do Amazonas, morreu absolutamente pobre. Só por acaso os de sua família vinham a ter conhecimento dos seus atos de caridade, porque esta êle a praticava silenciosamente, segundo o preceito do Evangelho. Sua boa fé e generosidade foram muitas vezes exploradas, mas nunca lhe saiu dos lábios uma recriminação ou uma queixa contra a má fé dos exploradores ou a insensibilidade moral dos ingratos.

E' que sua ingênita nobreza esteve sempre acima das corriqueiras vilanias de seus semelhantes, e sua grande alma pairava constantemente nas regiões onde não chegam os acúleos da ingratidão e a salsugem das perfídias humanas.

O ORADOR

Desde os primeiros anos de seminarista, demonstrou pronunciado gôsto pela oratória, quando, nas férias, fazia conferências religiosas, na fazenda Caranguejo, de seu avô materno Antônio Alves da Paz, ouvido com a maior atenção, por numeroso auditório. Páraco, os seus sermões e discursos, nunca escritos, eram sempre belos e nas grandes ocasiões atingiam uma eloquência e brilhantismo que arrancavam lagrimas ou provocavam aclamações. Nos últimos anos, porém, suas prédicas eram de concisão e singeleza admiráveis, não tanto porque lhe faltassem o ardor e entusiasmo da mocidade, senão porque falava, quase sempre a broncos seringueiros, que só assim o poderiam entender, único escopo por êle colimado.

E êle não almejava mais que isso.

Desapareceu o orador imaginoso e ardente que enlevava os auditórios cultos, e ficara o paciente pastor de almas singelas, que lhes ia ensinando, cristãmente, as límpidas verdades do Evangelho, de envolta com salutares conselhos de amor á nova terra em que lutavam pela vida, sem esquecer aquela outra que ambos haviam deixado muito além, e que vivia perenemente nos seus sonhos e nas suas saudades.

Quantas vezes o via fazendo práticas assim: "Meus filhos, trabalhem e façam economias, para um dia poderem voltar ao nosso Ceará. Plantem, para não ficarem com o ventre prêso aos purões dos navios, pois só a terra, bem cuidada, é capaz de dar ao pobre a abundancia e a fartura".

"Amem, também, a esta grande Amazonia que é um pedaço de nossa pátria, e terra da promissão que a todos recebe e nutre com os seus inexauríveis recursos. E quando lograrem algum saldo que lhes permita voltar ao Ceará, não o gastem em dissipações e lembrem-se dos que lá, curtindo saudades e privações, os esperam para a vida do lar, que é a mais justa aspiração dos que são honestos e não se afastam dos mandamentos da Igreja".

E era de ver como, após cada uma dessas desataviadas, mas sinceras práticas, algum seringueiro mais sensato dizia para um companheiro perdulário: "Fulano, tu ouviste o que o padre disse? Trata de emendar tua vida e poupar o teu saldo, senão morrerás aqui nestas brenhas, e nunca mais voltarás á tua terra!"

Que melhor serviço poderia Monsenhor Távora prestar a essa gente simples, do que ensinar-lhe claramente as verdades cristãs e incutir-lhe no animo o amor á terra, que, lá como aqui, era sua pátria?

A boa semente, êle a plantou na alma daqueles bravos e fortes lutadores; e é bem possível que não haja semeado em vão.

Mas, do semeador, já poucos se lembram!...

O HOMEM DE LETRAS

Desde que deixou o seminário, Monsenhor Távora iniciou-se nas letras e escreveu (ainda em Jaguaribe), uma obra — "O velho Távora" — que daria grosso volume, sobre um dos seus ascendentes — Manuel Peixoto da Silva Távora, por alcunha o "**Peixotão**", homem de força hercúlea, sôbre o qual a tradição repete extraordinários episódios.

Infelizmente, os originais dêsse trabalho que ia ser publicado pelo "Apóstolo" (do Rio), desapareceram no incêndio que devorou inteiramente a redação daquele orgão católico, em março de 1897.

Escreveu, também, alguns dramas católicos, entre os quais — "Lázaro e o rico", "José e seus irmãos no Egito" e "Emigração para o Amazonas".

Durante toda sua vida escreveu uma grande quantidade de artigos sôbre assuntos vários, e em diversos jornais, não só dêste como de outros estados, e sempre revelando invulgar erudição. Entre outros, lembro-me de um lindo conto — "O sabiá perdido", publicado no "Cachoeirano", de Cachoeira do Itapemerim, que era uma verdadeira jóia literária, tanto pela concepção, como pelo estilo. Infelizmente, essa produção esparsa teve a sorte reservada a tôda ou quase tôda obra jornalística, poeira mental que brilha um instante e desaparece no esquecimento. Colaborou na Revista Italo-Brasileira, nela publicando vários artigos, entre os quais alguns de propaganda em favor da emigração para o Espírito Santo, Pará e Amazonas, e, durante sua permanência em Roma, escreveu para diferentes jornais religiosos da Itália e Portugal, e a mocidade católica dêste último país encarregou-o de defendê-la contra os ataques que lhe dirigiam alguns exaltados, insuflando os governos europeus a não consentirem na vida das Universidades Cristãs.

Sob o pseudonimo de Phocion, escreveu interessantíssimas correspondências para o "Jornal do Amazonas" e "A Ordem", de Sobral e colaborou nos jornais "Vanguarda" e "Correio do Carirí", do Crato, e "Cachoeirano", no Espírito Santo, fazendo, neste último, larga propaganda em favor da colonização daquele estado e da criação de um bispado ali. Colaborou, ainda, no "Século", de Baturité, no "Vassourense", da cidade de Vassouras, no "Norte" e na "Constituição" de Fortaleza, publicando neste último, resumos de uma longa e importante série de conferências que realizou na Igreja do S. Coração de Jesus, desta cidade.

O POLÍTICO

Quando vigário do Crato, instado para militar na política ativa, acabou por acceder e foi deputado estadual de 1886 a 1889 e, no novo regime, senador estadual, na primeira legislatura de 1891.

Em tais assembléias teve posição destacada, e nos Anais dessas casas do Congresso Cearense se encontram belos discursos seus, entre outros, o elogio de José Bonifácio (o moço), por ocasião do falecimento dêsse estadista e poeta.

Logo após a deposição do general Clarindo de Queiroz, em 17 de fevereiro de 1892, consequente á contra-revolução de 23 de novembro de 1891, Monsenhor Távora seguiu para o Rio, em companhia do ex-Presidente, seu prezado amigo.

Um mês depois de sua chegada á capital da República, publicou no "Combate" um manifesto político, dando conta dos sucessos de que fora "testemunha ocular e auricular", no Ceará. E continuou a colaborar nessa folha, publicando artigos de franca hostilidade ao govêrno do marechal Floriano, sendo que o último deles, publicado no dia 10 de abril de 1892, determinou a inclusão de seu nome na lista dos que deveriam ser presos e desterrados, ato que, todavia, não foi efetivado. Êsses artigos e o "Manifesto" foram colecionados pela redação do "Correio do Cariri", que os imprimiu sob o título — "Senador Padre Fernandes e Escritos Políticos".

Êsses opúsculos, com encomiástica apresentação, pela pena limada do Dr. João Batista de Siqueira Cavalcanti, foram largamente distribuídos. Após êsse episódio da deposição do general Clarindo, Monsenhor Távora abandonou definitivamente a política, "por julgá-la incompatível com a sua dignidade de sacerdote e de cidadão". Nunca deixou, porém, de acompanhar, *pari-passu*, o que se ia passando na política nacional, e, dotado de grande argúcia em tal assunto, seus prognósticos eram, via de regra, seguros.

Lembro-me que, em julho ou agosto de 1893, em artigo de grande profundeza e acuidade política, declarara nas colunas do "Cachoeirano": "Marechal, (referia-se a Floriano), não se iluda! O almirante Custódio de Melo, qualquer dia, de bordo de um navio de guerra, o intimará a deixar o poder, como já fez a Deodoro".

Em 6 de setembro (um mês depois, ou pouco mais), a previsão estava realizada, iniciando-se a revolta da nossa esquadra, que tanto dinheiro e vidas custou ao Brasil.

Assinava diversos jornais e revistas; e quando, após longos meses de jornada pelos afluentes do Purus ou Juruá, chegava a São Filipe ou Sena Madureira, lia-os todos, sofregamente, ficando novamente a par do que ia pela política do país.

Não era paixão pela política, porque êle deliberada e firmemente a abandonara; mas o instinto social e o acendrado patriotismo que o não deixavam alongar-se da coisa pública, porque êle não queria perder de vista os caminhos por onde os homens públicos levaram a sua pátria, talvez o maior amor que lhe encheu a alma, tão grande e formosa como ela!

O ABOLICIONISTA

Um homem idealista e bom como Monsenhor Távora não podia deixar

de insurgir-se contra a escravidão, e êle a combateu com todas as fôrças de que dispunha.

Recordo-me ainda de sua intensa alegria no dia em que chegou ao Crato a nova alviçareira da abolição. Seus paroquianos lhe fizeram uma grande manifestação, e êle pronunciou, naquela noite, um dos seus mais formosos discursos, arrancando lágrimas a numerosa assistência, com êle comovida.

NO CREPÚSCULO

Depois de uma vida tão movimentada, era de esperar que procurasse repousar de tantas fadigas do corpo e do espírito.

Mas não era homem que se adaptasse á inatividade, e continuou a trabalhar, agora mais que na mocidade, afrontando os perigos e asperezas da vida amazônica.

Fazia viagens de mais de ano, subindo em incômodas canôas, todos os tributários do Juruá e do Purus e realizando *varações* por terra de uns para outros rios, no exercício do seu sagrado ministério, sem deixar de atender aos que viviam nos mais remotos igarapés de suas imensas freguesias.

Por muitas vezes, lhe pedi e instei que deixasse aquelas plagas, para, em clima mais ameno, restabelecer sua saúde combalida por impaludismo crônico.

Prometia-me *baixar*, quando voltasse de uma nova excursão que julgava necessária, e, com igual pretexto, sempre ludibriou as minhas esperanças de vê-lo, novamente, entre os seus, até que a morte o arrebatou.

Penso, ás vezes, que essa sua permanência obstinada no Amazonas obedecia a um pensamento oculto, quiçá o voto de terminar na solidão e tristeza das selvas, uma vida que, em seus primeiros anos, fôra tão movimentada e brilhante.

Bem pode ser que, havendo consagrado a melhor parte da existência a Deus e á Pátria, reservasse ao serviço do primeiro seus últimos anos, numa espécie de remorso por haver desigualmente repartido entre a religião e a humanidade, suas atividades e seus pensamentos.

O fato é que, despido de aspirações que em outros tempos, constituíam pábulo dileto de seu espírito, dedicou-se inteiramente ao serviço de Deus, expandindo a sua doutrina entre os humildes, recordando aos desventurados patrícios que vegetavam naquela imensidade verde as verdades eternas.

Seus restos jazem na terra virgem da amazônia que êle tanto amou, talvez aquela que, depois da gleba em que nasceu, lhe seria a mais grata e suave, para nela dormir o último sono.

Aí tendes, meus ilustres confrades, em rápidos traços, o que foi Monsenhor Távora. O ligeiro bosquejo que fiz de sua vida longe está de representar a realidade dessa existência plena de anseios do mais alto patriotismo e de realizações de um grande lutador.

Nunca recebeu quaisquer honórários pelos seus serviços de advogado, prestados, via de regra, aos que não podiam pagá-los.

Passou pela terra sonhando como um iluminado e bemfazendo como um santo, deixando, por onde transitou, o suave perfume da bondade e nobres exemplos de dignidade humana.

Amou entranhadamente a instrução, que ministrou, sem medida, a pa-

rentes e extranhos; foi orador fluente e brilhante, polígrafo extraordinário; combateu a escravidão e a tirania; prestou indefetível culto á liberdade, fez quanto lhe foi possível pela religião e pelo Brasil. Para êle, nada quis, regeitando dois bispados, um dos quais (o do Crato) desejou ardentemente ver criado.

Tudo deu desinteressadamente, e nada quis receber, quando seus superiores hierárquicos lhe procuraram retribuir em honras o que distribuira em serviços e benefícios á religião e aos seus semelhantes.

No límpido espelho de sua grande alma refletiam-se, placidamente, tôdas as indulgências e perdões, porque êle foi, acima de tudo, uma alta e sublimada expressão de humanidade.

Soldado de Deus e soldado da Pátria, grande sacerdote e grande cidadão, sua vida foi um alto paradigma de grandezas morais e de virtudes cívicas, que enobreceram a sua existência e honraram á sua geração. Fanado rebento de sua nobre estirpe, tentei canhestramente esboçar-lhe o majestoso perfil, impulsionado pela gratidão e pela saudade, que me ordenaram esta singela homenagem á memória daquele que continua a viver no meu pensamento e no meu coração.

Pouco importa que o trabalho, descolorido e falho, não corresponda, nem de longe, ao valor do biografado. O que desejava e tentei foi chamar a atenção dos coevos, trazendo á tona alguns fatos marcantes da vida dêsse cearense ilustre que tanto quís e serviu á sua terra, e sôbre cuja memória seria ingratidão cruel deixar que continuassem a cair as pesadas cinzas do olvido.

Fortaleza, março de 1945.